

# Centro de Estudos Bahianos

HERMANNI NEESER

SOBRE A CAMPA BRAZONADA  
NO  
CONVENTO DO CARMO

Publicação

15

SALVADOR - BAHIA

23 de Junho

## REPÚBLICA AO DR. GUSTAVO BARROSO

Na revista "O CRUZEIRO", do dia 19 de abril de 1952, número 26, Ano XXIV, editada no Rio de Janeiro, encontramos à página 38, interessante artigo de autoria do Dr. Gustavo Barroso, sob o título "O MISTÉRIO DE SANFELICE". O ilustre autor nos apresenta, em estilo elegante, uma curta biografia do Mestre de Campo General Giovanni Bagnuolo. Às páginas 40 e 80, o Dr. Gustavo Barroso se refere ao nosso trabalho "UMA PEDRA D'ARMAS AINDA NÃO IDENTIFICADA NO CONVENTO DO CARMO". Muitos nos honrou ver o nosso esforço reconhecido pelo festejado escritor, no entanto grande foi a nossa decepção ao notar que, à página 80, esse reconhecimento se transformava em acrimosa crítica, diminuindo o nosso singelo trabalho. Afirmamos que nunca teríamos cogitado em replicar, caso o articulista tivesse publicado o supracitado artigo em uma revista especializada em heráldica, já que o leitor, conhecedor da matéria, faria suas constatações, desobrigando-nos, dessa maneira, de tão ingrata tarefa. Mas assim não obrou o ilustre autor; escreveu seu artigo para ser publicado em um periódico semanal popular, forçando-nos a uma explicação aos que desconhecem as leis heráldicas mas que as podem compreender.

Preliminarmente, para melhor entendimento do que abaixo se segue, desejamos declarar que, incontestavelmente, no presente momento, se está estudando com afinco, a história da Bahia, e isso se deve a um grupo de abnegados que, periodicamente, se reúnem para apresentar e discutir trabalhos ainda inéditos sobre a nossa terra. O nosso trabalho é um desses. Nesses serões reina a maior cordialidade, não existem pretensões nem inveja, todas as pesquisas são feitas em colaboração, e os seus resultados debatidos e discutidos com uma crítica sã e construtiva. Depois de aprovadas são essas contribuições publicadas em revistas especializadas ou em folhetos da res-

999. (814. 2)

N 382



99.247

IX. 2

pectiva entidade e essas publicações são distribuídas gratuitamente aos interessados e especialistas. Dentre esses estudos figurou também o nosso que foi transcrito nos Anais do Primeiro Congresso de História da Bahia e na Revista Genealógica da Bahia. Reconhecemos que a sua redação não foi esmerada, pois presumíamos que o leitor, integrado na matéria, interpretaria inteligentemente o assunto abordado. O Dr. Gustavo Barroso critica essa falha e procura dar-lhe uma redação popular para que o leitor profano possa compreender melhor. Nossa opinião era que o leitor, verdadeiramente interessado, conseguirá tôdas as informações manuseando qualquer Manual de heráldica ou Brasonário, uma vez que somos de opinião que a versão "popular" elaborada pelo Dr. Barroso não vem esclarecer o leitor nem tão pouco facilitar-lhe a compreensão, como passaremos a demonstrar.

Diz o ilustre autor que "*O veiros é representado por cinco tiras*".

Os grandes mestres da arte de brasonar nos ensinam que o veiros propriamente dito é composto de quatro filas. Quando esta quantidade de filas é ultrapassada ou restringida, passa a ser indicada como veiros de cinco filas ou veiros de três filas, conforme a modificação sofrida para mais ou para menos. (1).

Diz em seguida: "*composto de pequenas peças, que se chamam pontos*..."

Quando falamos em "peças" subentende-se o fracionamento do campo do escudo em partições e sub-partições; nunca podemos designar o veiros como "peças"; o veiros é uma *pele* proveniente de uma espécie de esquilo, sendo a côr de seu dorso azulada e a de seu ventre branca; a sua forma peculiar é oriunda da maneira do preparo da pele, aguçada na ponta (lugar da cabeça do animal) e larga na base (trazeira). A palavra "pontos", sem outra especificação, significa, em linguagem heráldica, a denominação dada às subdivisões de nove partes o campo do escudo; sendo este termo empregado para os veiros deve-se sempre dizer "*pontos-de-veiros*", para não haver mal entendidos e equívocos por parte do leitor profano.

(1) "LE BLASON" Dictionnaire et Remarques par le Cte. Amédée de Foras.

Continua o Dr. Barroso na mesma frase: "*de azul, alternando com outros tantos de prata todos de forma campanulada...*"

Essa descrição leva o leitor a uma errônea dedução, pois as peles azuis não têm a mesma posição das de prata. Enquanto as peles de prata são representadas com as pontas para baixo, as azuis se mostram para cima, alternando as cores e metais nesta coordenação e sômente assim é que surge o veiros, quando desenhado na sua proporção exata, dentro de um escudo clássico francês ou português, cabem 16 peles azuis nas quatro filas.

"Quando essas campânulas se voltam para cima e para baixo, de duas em duas tiras, tem-se o contra-veiros".

Esta explicação do contra-veiros não é nada clara, e induz o leitor a uma falsa interpretação. Diríamos: Quando trocamos os esmaltes dos pontos-de-veiros na segunda e quarta fila, temos o contra-veiros.

Desastrosamente infeliz foi o dr. Gustavo Barroso ao asseverar que nos acrescentâramos ao escudo "*uma diferença, a chamada "brica" ou "quebra" do escudo, que se põe regularmente no alto da dextra do braço, pequeno retângulo...*"

Perdê-me o mestre, mas a sua explicação não está certa, porquanto a *brica* nunca foi idêntica à *quebra* apesar de ser também uma diferença, cada qual com o seu significado próprio, bem definido, na heráldica, como veremos: as "QUEBRAS" servem para marcar as armas do filho ilegítimo e são representadas de quatro maneiras: Portugal-antigo, Aspa, Bastão e o Filete. ELAS INDICAM A SITUAÇÃO DO INDIVÍDUO NA FAMÍLIA. A "brica" é a quarta parte do primeiro cantão e quando não especificada é sempre quadrada e não retangular, como diz o Dr. Gustavo Barroso.

A "BRICA" INDICA A VIA PELA QUAL SE TRANSMITIRAM AS ARMAS AO ARMIGERADO.

Continua o ilustre autor: "*que indica na lingua da armaria, um ramo secundário, um filho segundo de familia nobre*"

Quanto tempo valioso teríamos poupado não escrevendo esta réplica se o dr. Gustavo Barroso, antes de iniciar sua crítica infertífera ao nosso trabalho, tivesse consultado um manual de heráldica portuguesa, mesmo os elementares, ou lançado um olhar, mesmo furtivo, sobre o Boletim Oficial do Conselho de Nobreza de Portugal, editado em 1950 (x), sem falarmos no Regimento de D. Manuel, que nunca foi revogado. Porque, se assim fizesse, veria que a brica é somente colocada num braço quando as armas são herdadas ou provêm da parte materna. A *meia-brica* quando vêm da linha feminina paterna, e nadá têm que ver com ramos genealógicos secundários nem tão pouco com a quantidade de filhos de um casal.

E continua o cronista de "O Cruzeiro": "*Na pedra d'armas dos Aguiar Pachecos de Vasconcelos, acha o autor uma brica com UM ANEL, que declara indicativa de linhagem pelo AVÔ MACHO MATERNO (sic!). Se é avô, o característico macho parece dispensável.*

Concordamos: seria deveras ridículo da nossa parte especificar duas vezes o sexo do avô, mas, infelizmente, não podemos aliterar esta expressão nem mutilá-la sem graves consequências para o leitor entendido no uso da brica. Lamentamos novamente o ilustre autor desconhecer as Ordenações Manuelicas que regulam a heráldica portuguesa, porquanto, se a conhecesse não extranharía a expressão usada e que ali se explica desse modo:

AVÔ FÊMEA PATERNO quer dizer: avô MATERNO da linha PATERNA (Diferença: "MEIA-BRICA")

AVÔ MACHO MATERNO quer dizer: avô MATERNO da linha MATERNA (Diferença: "BRICA")

As armas concedidas ao Dr. João Álvares de Vasconcelos são armas pessoais, herdadas por via do avô MATERNO da linha

MATERNA e tem que levar irrevogavelmente a "BRICA" e como distintivo especial uma figura que, nesse caso, é o ANEL.

A explicação que o meu contraditor procura dar à existência do ANEL é a seguinte:

"Os Menezes e os Teles de Menezes, conforme a lição do mestre heráldista Santos Ferreira, brasonavam de ouro com um anel encoberto isto é, ligeiramente indicado sobre o metal do escudo. Se a tal brica existisse, seria possível ter para a sua feitura contribuído o braço dos Menezes, de vez que a eles se ligavam os Vasconcellos da Bahia, como mais adiante se verá. A verdade, porém, é que a tal brica somente existe na fantasia do Sr. Neeser, como o exame atento do escudo gravado na lousa do Carmo nos afirma.

Esta conjectura do ilustre diretor do Museu Histórico Nacional é tão extravagante que reaceamos ser um gracejo de mau gosto. Nunca, em toda a heráldica portuguesa, foram colocadas as armas de um consorte em uma brica. Essa idéia é tão absurda que dispensa qualquer comentário sério. Quanto à alusão de que, nessa pedra d'armas que identificamos, a brica só existe na nossa fantasia, bendizemos essa fantasia e sentimo-nos satisfeito em conservar a nossa opinião pela razão irrefutável de que, como acabamos de provar, pela leis heráldicas ela tem forçadamente de existir, e lá na pedra, por nós identificada, pode-se vê-la, mesmo com o desgaste do mármore.

Para persistir no seu engano, sustentando um falso princípio que, se subsistisse, destruiria o que está consolidado nas antiquíssimas leis manuelicas, afirma o meu nobre contraditor:

"O que o Sr. Herrmann Neeser tomou como anel nada mais é do que a curva extrema da referida gorjeia, comida e desfigurada pelo tempo e os atritos. Se houvesse a brica a que êle apressadamente alude, então o braço alcançaria toda a gorjeia, embutindo-se debaixo dela, e ainda assim não haveria brica alguma, mas um chefe

carregado com uma aspa e um anel à destra. "É isto o que aponta a inspeção do documento iconográfico".

Efetivamente não sabemos o que o cronista quer dizer; a gorgeia é a parte do elmo que cobre o pescoço e os ombros do cavaleiro e está colocada acima do escudo, assim como todas as partes constitutivas do brasão que deixam todo o escudo livre; nada fica encoberto. Até mesmo as correias que parem da gorgeia e seguram o escudo, passam por trás do mesmo, sem nada encobrir do brasão.

O que a inspeção do documento iconográfico aponta e o que podemos ver a olho nú é um quadrado na quarta parte do primeiro cantão que se denomina de "BRICA" e no centro do mesmo, um anel. Quem quer que duvide poderá examiná-lo, pessoalmente, indo à igreja do Carmo.

Mas não finalizamos aqui, desejando transcrever ainda um último trecho do Sr. Gustavo Barroso:

*"A lápide que cobrisse os ossos do Mestre de Campo napolitano deveria ostentar, ao invés do brasão dos Aguires Pachecos de Vasconcelos, o seu próprio, que figura no "Libro d'Oro della Nobilitá Italiana", segundo afirma o Sr. Hermann Neeser, como da família San Felici ou Sanfelicití do Reino de Nápoles, com o mote VIGILATE ET ORATE:.... O "Armorial Universel" de Rietstap, todavia não regista essas armas e o "Dictionnaire des Devises", de Chassant et Tausin, dá o mote, mas atribuindo-o somente à família Handcock Castelmairé, da Irlanda."*

Asseguramo-lhe que não nos ocorreu a idéia de procurar o brasão de Bagnuolo em um Brasonário Universal; pensamos logicamente encontrá-lo no brasonário italiano, (x) pelo simples fato de ser êle filho da Itália. E não nos enganamos; lá o achamos com o respectivo mote.

E... chega.

Salvador, 23 de junho de 1952  
H. Neeser

